

O CÃO GLUTÃO

Certo dia, um cão entrou sorrateiramente num talho e, assim que apanhou o talhante distraído, deitou o dente ao pedaço de carne que lhe ficou mais a jeito e desatou a fugir.

Sempre a correr, a correr com quantas ganas tinha, só parou quando lhe pareceu que estava em segurança.

Encontrava-se no meio do campo e não era provável que o açougueiro viesse até ali na intenção de o perseguir: «Poderá não vir o talhante, mas pode muito bem acontecer que algum cão vagabundo se lembre de aparecer por estes lados e me roube a carne...», pensou receoso.

E, sempre com o pedaço de carne bem preso entre os dentes, olhou em redor, à procura de um sítio seguro para se esconder.

Reparou então que um pouco mais à frente havia um rio e do outro lado um canavial: «Atravessarei o rio e no meio do canavial poderei comer tranquilamente», resolveu mais descansado.

Quando chegou, porém, junto da margem, ao olhar a água, que viu ele? Claro: um cão com um naco de carne entre os dentes!

Simplesmente, não se apercebeu de que o animal que via era a sua própria imagem reflectida na água.

Surpreendido, ficou-se a olhar o «outro» rafeiro: «Não há dúvida de que o seu naco de carne é bem maior do que o meu. E decerto mais saboroso também!», concluiu.

Ora, como, além de estar esfomeado, era muito guloso, decidiu prontamente: «O melhor é roubar-lho; assim, em vez de comer só um pedaço de carne, comerei dois!»

E, abrindo a boca, lançou-se rapidamente sobre o «outro» animal. Contudo, por mais que metesse o focinho na água, não encontrava rasto de carne!

Atrapalhado, depressa compreendeu que tinha sido um engano: a imagem que via diante de si era, afinal, a sua própria imagem!

Estava na disposição de não dar grande importância ao caso quando reparou, consternado, que já não tinha o pedaço de carne entre os dentes: ao abrir a boca, a carne fora levada pela corrente!

Chcio de fome, começou a lamentar-se, triste e desiludido:

— Ah!, que infeliz que sou! Que pouca sorte a minha!

Foi nessa altura que uma rã que observara toda a cena exclamou:

— Concordo contigo, cão rafeiro: na verdade, é caso para te sentires infeliz: és desonesto, guloso, invejoso, ignorante... De tal maneira que nem para ti próprio és bom! Chora pois a tua pouca sorte, que razões de sobejo tens para as tuas lágrimas!

E, sem esperar resposta, a rã deu um salto e sumiu-se coaxando por entre as ervas da margem.

